

Construção Civil e Desenvolvimento: o impacto na geração de emprego diante da crise econômica nos municípios do Vale do Paraíba

Claudia Regina Bruni Sigris

Edson Trajano Vieira

Mônica Franchi Carniello

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o atual cenário econômico que demonstra um estado de letargia, tanto nas ações públicas do setor da construção, quanto nos investimentos privados, o que pode contribuir ainda mais para o aumento de risco de turbulência e de desaceleração econômica se não forem adotadas medidas adequadas. Compreende ainda a comparação dos indicadores nacionais e estaduais, considerando os índices do CAGED, e por meio da análise de documentos e registros nas bases de autarquias federais, estaduais e de outros órgãos que registram dados estatísticos para a composição deste estudo e que refletem sua contribuição para o processo de desenvolvimento regional. Deve-se considerar também a percepção dos principais atores que compõem esse eixo tão importante e que contribui para a definição do cenário nacional, bem como as principais alternativas que compõem as políticas setoriais da construção civil, suas vicissitudes, seus alentos e descompassos com a diretriz política atual e, principalmente, compreender quem são essas pessoas embotadas de cimento e lágrima, capazes de alavancar o país para outros patamares socioeconômicos. Para apresentar esses importantes tópicos da economia, este trabalho elegeu como método a pesquisa documental, propõe as análises econômicas dos últimos dez anos, de modo comparativo para obtenção do entendimento do impacto que, assistido pela indústria da construção civil, refletiu também para qualidade de vida dos funcionários da área, dando bases para conclusões analíticas do Produto Interno Bruto (PIB), demonstrando oscilações e contrastes que têm influência direta na performance da economia.

Palavras-chave: Construção Civil; Desenvolvimento Regional; Emprego; Desemprego.

ABSTRACT

This article aims to analyze the current economic scenario that shows a state of lethargy, both in public actions in the construction sector and in private investments, which can contribute even more to the increased risk of turbulence and economic slowdown if not appropriate measures are taken. It also includes the comparison of national and state indicators, considering the CAGED indexes, and through the analysis of documents and records in the bases of federal, state and other agencies that record statistical data for the composition of this study and that reflect their contribution for the regional development process. One should also consider the perception of the main actors that make up this very important axis and that contributes to the definition of the national scenario, as well as the main alternatives that

make up the sectorial civil construction policies, their vicissitudes, their encouragements and mismatches with the guideline. current policy and, mainly, to understand who these people are, blunted by cement and tears, capable of leveraging the country to other socioeconomic levels. In order to present these important economic topics, this work chose documentary research as a method, proposes economic analyzes of the last ten years, in a comparative way to obtain understanding of the impact that, assisted by the construction industry, also reflected in quality of life of the employees of the area, providing bases for analytical conclusions of the Gross Domestic Product (GDP), showing fluctuations and contrasts that have a direct influence on the performance of the economy.

Keywords: Civil Construction; Development; Regional; Job; Layoffs.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende traçar uma visão geral da importância da construção civil para o aquecimento e desenvolvimento econômico e o impacto que a geração de vagas de emprego na Construção Civil provocou na crise econômica brasileira, que teve início em 2015. Outros aspectos também serão analisados em função do trabalhador da construção civil, quem são e qual o grau de escolaridade dessa mão de obra essencial e capaz de alavancar o país para outros patamares socioeconômicos.

A pesquisa pretende mostrar, baseada em gráficos e tabelas, os números gerados pela crise, correlacionando empregos e renda, períodos de retomada, indicadores de crescimento, PIB e outros indicadores pertinentes ao tema.

Hoje, nos deparamos ainda, com a lenta recuperação da economia do país e a preocupação de uma breve estabilidade financeira das famílias. Nesse cenário, encontramos uma série de problemas e um deles é a desigualdade econômica entre as regiões do país, para tanto, é preciso que o setor tenha uma rápida recuperação.

O presente estudo adotou um recorte com foco nos municípios de Jacareí, São José dos Campos e Taubaté, que compõem a Região do Vale do Paraíba, fazendo comparativos e análises para compreender como o desenvolvimento regional foi impactado e como essa questão poderá ser amenizada no cenário no Vale do Paraíba.

1.1 O segmento diante da Crise Econômica Brasileira

O problema hora levantado perante as pesquisas denota sobre os impactos resultantes dos índices de fracasso econômico que se refletiram nos eixos do desenvolvimento da indústria construtiva, no qual se demonstra coerência nas seguintes questões:

- Quais foram as taxas de emprego nos últimos dez anos propostas pela construção civil?
- Quais os principais impactos que a circunstância de queda da economia trouxe para o desenvolvimento da indústria construtiva e social?

- Como o PIB está posicionado em relação a essas quedas no ano de 2019?
- Quais os principais fatores com tendências de crescimento para um futuro próximo?

Este artigo tem como objetivo demonstrar nos últimos dez anos os principais fatores que contribuíram com o desenvolvimento e queda econômica, que refletiram no PIB, no emprego e capital social.

Através da análise da importância da Construção Civil para a economia, pontuar os comparativos do mercado de trabalho entre o ano de 2009 a 2019, classificar os requisitos básicos exigidos pela indústria da construção aos trabalhadores, e incluir as expectativas mercadológicas para o futuro esperado pela indústria da construção civil são itens de caráter importante para o entendimento da questão sobre Emprego na Construção Civil e o Desenvolvimento.

2 CONSTRUÇÃO CIVIL NA ECONOMIA

As contribuições com as teorias relacionadas ao tema em que a economia se torna o principal aspecto do desequilíbrio no país, propondo também, classificações dos resultados sofridos pelos trabalhadores da construção civil do Vale do Paraíba, tendo como cerne do problema econômico a escassez,

O problema econômico por excelência é a escassez. Surge porque as necessidades humanas são virtualmente ilimitadas e os recursos econômicos, limitados, incluindo também os bens. Esse não é um problema tecnológico, e sim a disparidade entre os desejos humanos e os meios disponíveis para satisfazê-los. A escassez é um conceito relativo, pois existe o desejo de adquirir uma quantidade de bens e serviços maior que a disponibilidade (TROSTER E MÓCHON,1999, p.6)

Na análise de Santos (2000, p. 137), quando a escassez chega à classe média, há uma reinterpretação da situação que é diferente de anos recentes e com novas dificuldades em atender a educação dos filhos, saúde, aluguel ou aquisição da moradia, cortes no lazer, garantia no emprego e deterioração de salários, contração de dívida, o que gera o desconforto e insegurança. As novas perspectivas da previdência social e regime de aposentadoria, também contribuem para tal incerteza, ou seja, não há perspectiva de melhora nem soluções do mercado pelo Estado.

Como primeiro degrau, deve-se considerar a defesa de situações individuais ameaçadas e o desejo de reconstruir a retomada do consumo e do conforto material; para um segundo degrau, alcançar um nível qualitativo no entendimento do processo social, que pode levar à decisão na participação da luta pela transformação, sendo importante que haja participação e conscientização social. O Brasil, assim como todos os países em desenvolvimento, possui altos e baixos diante da rotatividade econômica e, diante desses desequilíbrios, um dos setores que é tido como ponto de apoio para a economia é o setor da construção civil, que tende como

um termômetro a demonstrar os primeiros sinais de desempenho da economia, apontando para uma situação de desenvolvimento positivo ou negativo.

Este artigo apresenta esses impactos que têm dimensões variadas, e busca nos dados econômicos dos últimos dez anos, elementos para análises comparativas de modo a encontrar aspectos condizentes com a expectativa de mercado da construção civil para um futuro próximo. Com referência a essa análise, pode-se observar que o tema continua sendo atual.

2.1 Aspectos Históricos da Construção Civil e Economia

Historicamente, a Construção Civil possui tendências positivas no desenvolvimento e mudanças no setor industrial, diante da alocação de recursos escassos no fortalecimento do setor socioeconômico na geração de emprego em grande escala (TEIXEIRA; CARVALHO; 2005).

Suas características abrangem a produtividade em diversos setores, entre eles estão a: construção de edificações, manutenção, reparação, envolvendo também as instalações, dentre as quais a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), que consideram as atividades da construção civil como um setor que tende a preparar o terreno para diversas modificações, proporcionando assim melhor qualidade aos novos empreendimentos, sejam de pequeno, médio ou grande porte, condizendo com diversos itens econômicos, como: valorização, utilização e oferta de empregos de ambos os lados, construtivo e comercial (AMORIN; 2014).

A teoria de Keynes sobre a compreensão da indústria e a construção civil, considera a importância da participação desta que fortalece a dinâmica entre elas e compreende a economia setorial, de modo que a apropriação de investimentos possui objetivos centralizados tendenciados no processo de crescimento econômico gerando empregos e desenvolvimento (SOUZA, et al. 2015).

Porém, no capitalismo evidenciado por Singer (1990, p.36-37), a concentração do capital e a concentração espacial das atividades possuem umnexo causal comum. O autor admite que a densidade de ocupação humana e econômica do espaço urbano, demandam que as autoridades públicas locais devam inverter somas crescentes na ampliação dos serviços urbanos, conforme a demanda, sendo que as soluções são progressivamente mais onerosas, conforme avanço tecnológico, para obras de vias elevadas, trens subterrâneos, galerias de águas e tratamento de esgotos.

A infraestrutura desses empreendimentos, com fundos governamentais gerados por tributos e que beneficiam empresas industriais de isenções fiscais com boa parte dos impostos indiretos são transferidos pelos consumidores finais e, além disso nas camadas mais pobres da população, há carência de serviços urbanos, encarecimento imobiliário do solo nas áreas mais privilegiadas por infraestrutura e, portanto, acessível àqueles dotados de mais recursos financeiros.

As especialidades da indústria da construção civil são macroeconômicas e contribuem com as expectativas das empresas para estabilidade no desenvolvimento, as quais se vinculam a novos sistemas financeiros, influenciando para que os mesmos obtenham créditos que possam

favorecer o desempenho do homem, contribuindo para a geração de novos empregos. (GONDIM; et al. 2004).

Dessa forma, a construção civil deveria ser considerada o foco principal das políticas do governo em qualquer economia, mesmo que ainda em desenvolvimento, levando em consideração a importância do setor econômico regional e nacional. (GUILHOTO; et al. 2005).

Muitos autores, como Ofori; (1990), Myers; (2003), Finkel; (1997), Minami; (1983), entre outros, ressaltam o importante papel da construção civil como vetor que impulsiona o crescimento econômico. Razão essa é que a importância da indústria construtiva como setor fundamental para a economia diante das proporções e valores são adicionados entre as atividades (GONDIM; et al. 2004).

Logo, a construção civil é o espelho da economia que, ao menor sintoma de melhoria faz vir logo à tona os primeiros resultados positivos. A recuperação do nível de emprego dos trabalhadores nas obras é um dos principais fatores para que a economia volte a crescer, mas para ser retomado, precisa do investimento (GUJARATI; 2009).

Para Gonçalves; Robson (FGV Projetos, 2015)¹ as expressões econômicas pertinentes para qualquer análise setorial, são os termos “pró-cíclico” e “anticíclico” que, traduzindo de forma direta, um segmento da economia é dito pró-cíclico quando as variações em seu nível de atividade acompanham os movimentos da economia como um todo e, em muitos casos, de forma mais intensa. Como é regra dentre os segmentos que compõem a indústria de base, a construção civil tem, tipicamente, um caráter pró-cíclico, que acompanha bem quando a economia vai bem, e muito mal quando a economia vai mal. Um segmento anticíclico é aquele que vai bem quando a economia como um todo vai mal e vice-versa.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Secovi-SP estimam que até 2025, o Brasil precisa construir 14,5 milhões de novos domicílios para suprir o déficit por moradia. A demanda habitacional é um assunto de grande relevância para a economia, pois o investimento em construção civil é fundamental para resolver tal problema do país: a demanda habitacional que aos poucos começa a acontecer com lançamentos imobiliários e vendas (IBRE/FGV; 2015).

Teixeira e Carvalho (2005) destacam os efeitos favoráveis da construção brasileira sobre a produção, a renda, o emprego e os tributos, bem como seu forte encadeamento setorial, e ressaltam que este é um setor com fortes impactos diretos, indiretos e induzidos na economia nacional, gerador de relevantes externalidades positivas sobre a base produtiva, sendo estratégico para o desenvolvimento econômico e social do país. As autoras estimaram os índices de ligação para trás e para frente da construção vis-à-vis a outras atividades e estabeleceram que esta indústria é um setor-chave na economia brasileira.

Um outro ponto sensível nesse importante setor é o da formação e capacitação da mão de obra. Nas funções básicas em uma obra que começam pelos Projetos Arquitetônicos e Estruturais bem elaborado, por profissionais altamente capacitados, como arquitetos e

¹ Coordenador de projetos da FGV Projetos e Professor no FGV Management

engenheiros, temos na sequência a função do pedreiro. Este necessita ter conhecimentos de vários aspectos importantes da construção, como saber consultar e entender as plantas dos projetos, conhecimento para realizar marcações em um terreno onde será feita a obra, e conhecimento do “como executar” disponíveis para o seu trabalho, além de ter uma escolaridade mínima. Mas muitos desses pré-requisitos não podem ser preenchidos, por falta de oportunidades e, as falhas durante a execução serão inevitáveis (KURESKI; 2011).

Por sua vez, cursos disponíveis como EJA, EAD, SENAI, Técnico em Edificações demandam tempo. A baixa escolaridade e falta de qualificação técnica desses trabalhadores, mostra que um dos problemas que está associado à baixa escolaridade é a evasão escolar, que tem sido relacionada a situações diversas. Pode ser após um dia longo de trabalho no sol ou manipulando grandes pesos, ao longo do dia é pouco provável que se encare um banco de escola das 19:00 h às 22:00 h em cursos que demandam tempo (IBRE/FGV; 2015).

A estatística mostra que cursos noturnos têm um maior índice de evasão. Esta afirmação pode ser comprovada segundo fonte do Ifes/Campus Nova Venécia: No ano de 2015 no curso noturno de Técnico em Edificações, a taxa de evasão escolar foi de 27% e a taxa de retidos foi de 63,1% (IBGE; 2016).

2.2 A Importância da Construção Civil para o Brasil

“A construção civil é uma forte empregadora. Diferente de outros setores, como o automobilístico, por exemplo, é uma atividade na qual a mão de obra humana é muito necessária. Nesse aspecto, ela é fundamental na retomada da economia”, avaliou o presidente do Secovi-SP (2017)

O Brasil precisa voltar a crescer e o “termômetro da economia” está diretamente relacionado com o setor da construção civil, com a melhoria de áreas como infraestrutura, habitação e geração de empregos (POSSENTI; PONTILI; 2015).

Estimativas consideram que empregos formais, informais e indiretos geram aproximadamente 13 milhões de postos de serviços. Na prática, a melhora do cenário na construção civil tem impacto em diversos outros campos da atividade econômica. A construção de mais moradias diminui o déficit habitacional, a ampliação do saneamento básico melhora as condições de saúde da população e a expansão da mobilidade urbana oferece praticidade ao cotidiano, trazendo qualidade de vida. Os investimentos em obras impulsionam áreas importantes para o desenvolvimento urbano (CAMERON; TRIVEDI; 2005).

As pessoas voltam aos seus postos de trabalho, as famílias recuperam sua capacidade de consumo, o que faz o comércio enxergar melhoras nas vendas, aumentando também a demanda da indústria. E o governo também ganha. A cada R\$ 100 investidos na construção, R\$ 25 voltam para os cofres públicos em forma de imposto (FOCHEZATTO; GHINIS; 2011). A indústria da construção civil é na verdade esse gigante complexo que pode continuar a ser o grande responsável pelo aumento expressivo da produção, absorvendo a mão de obra, gerando emprego e renda para a população, que pode continuar irrigando o comércio com os recursos advindo da renda gerada pelo setor. Afeta não somente a utilização de insumos básicos (cimento, areia, tijolos, pedras, madeiras, tintas além de outros produtos) e de serviços, como

também a produtos tecnológicos altamente especializados, a indústria da construção civil, tanto pode comportar baixa qualificação de mão de obra ou demandar de uso de alta qualificação como engenheiros, arquitetos e funções administrativas e ativas das empresas.

Assim, quando as empresas do setor mantêm a sua produção elevada, passam a contratar mais pessoas, gerando um círculo tendencial no qual todos os setores sejam beneficiados (KURESKI; 2011).

Construir com qualidade e baixo custo não dependem somente das técnicas ou dos tipos de materiais empregados, mas também da mão de obra empregada, ou seja, para as empresas alcançarem seus objetivos ficam dependentes do desempenho do trabalhador que é responsável por determinada função ou setor de trabalho (GONDIM; et al. 2004).

A indústria da construção civil é na verdade um gigante complexo que pode continuar a ser o grande responsável pelo aumento expressivo da produção, absorvendo a mão de obra, gerando emprego e renda para a população, que pode continuar irrigando o comércio com os recursos advindos da renda gerada pelo setor. Afeta não somente a utilização de insumos básicos (cimento, areia, tijolos, pedras, madeiras, tintas além de outros produtos) e de serviços, como também a produtos tecnológicos altamente especializados, a indústria da construção civil, tanto pode comportar baixa qualificação de mão de obra ou demandar de uso de alta qualificação como engenheiros, arquitetos e funções administrativas e ativas das empresas. Assim, quando as empresas do setor, mantêm a sua produção elevada, passam a contratar mais pessoas, gerando um círculo tendencial no qual todos os setores sejam beneficiados (KURESKI; 2011).

Para Cordeiro (2002), são necessários que se conheçam quais são essas necessidades e quais fatores são significativos para que haja esse grau de comprometimento por parte dos trabalhadores, levantando aspectos de seu contexto social e outros relativos à qualidade de vida no ambiente de trabalho que possam nortear estratégias de capacitação que venham a atender às demandas de qualificação profissional dos operários. As construtoras que valorizam seus funcionários terão maiores chances de se manter no mercado, muito provavelmente irão crescer, podendo ser uma consequência da valorização e qualificação da mão de obra (GUJARATI; 2009).

Devido a fatores como a falta de incentivo, surge outro problema que é o envelhecimento dos trabalhadores do setor da construção civil, a um baixo índice de renovação, pois existe pouca formação de novos profissionais. Isso ocorre devido existir na construção civil paradigmas de ser um serviço de extrema dificuldade, cansativo, totalmente braçal e não ter a devida valorização do trabalhador quer seja pela empresa ou mesmo pela própria sociedade (GHINIS; FOCHEZATTO; 2013).

Um aspecto a ser considerado que pode mudar este conceito na contratação diz respeito ao crescimento do mercado da construção civil, onde as novas tecnologias dentre elas, as aplicadas no trabalhador de ponta, bem como programas inseridos internamente, onde se consegue diagnosticar a produtividade a qualidade de cada setor mostrando os resultados

obtidos de maneira rápida e barata. A existência de várias técnicas construtivas pode ser considerada também como oportunidade para a realização de treinamentos específicos em determinadas áreas (POSSENTI; PONTILI; 2015).

Neste contexto, para que se consiga obter um bom aproveitamento na qualificação dos trabalhadores, é de enorme importância conhecer o perfil do trabalhador a ser treinado, podendo desta forma inserir no treinamento assuntos relacionados à realidade atual dos mesmos, e conseguindo, isso chamará a atenção do trabalhador fazendo com que o curso ou prática a ser implantada de forma qualitativa e construtiva na qual se abrange o conhecimento e suas potencialidades, sejam direcionadas às práticas aplicadas (WOOLDRIDGE; 2010).

2.3 Quem são esses trabalhadores?

O setor da construção civil se destaca como atividade intensiva em mão de obra e é marcado pela baixa escolaridade e pouca formação técnica da mão de obra, reflexo do processo histórico que levou a formação dos trabalhadores por meio da prática, que passa de pai para filho. É marcado por trabalhadores vindos de camadas mais carentes da população com predominância do baixo nível de escolaridade, elevadas taxa de analfabetismo e vulnerabilidade social (SINDUSCON; 2017); são migrantes da zona rural, de outros municípios e regiões do país, que iniciaram suas atividades ainda muito jovens. O resultado é um setor da economia dominado pela informalidade, com pagamentos principalmente sob a forma de diárias sem assinar a carteira de trabalho, baixos salários e por condições precárias de trabalho (SINDUSCON; 2017).

Este setor é de grande importância para o desenvolvimento do país, tanto do ponto de vista econômico quanto social, pela capacidade de absorção de grande quantidade de mão de obra, pois os trabalhadores da construção civil participam da produção do espaço urbano como grupos sociais excluídos, e fazem parte das camadas sociais que não têm acesso adequado aos bens e serviços oferecidos pela cidade, habitando em cortiços loteamentos periféricos e favelas, onde atuam como agentes ativos modeladores do espaço urbano (SINDUSCON; 2017).

3 METODOLOGIA

Para apresentar o tema e os aspectos da economia relativos à construção civil, este trabalho elegeu como método a pesquisa documental e propõe as análises econômicas dos últimos dez anos, de modo comparativo, para melhor compreensão do impacto que, assistido pela indústria da construção civil, refletiu também para qualidade de vida dos funcionários do setor, dando bases para conclusões analíticas do Produto Interno Bruto (PIB), demonstrando oscilações e contrastes que têm influência direta na performance da economia.

Para nortear a pesquisa foram usadas as palavras-chave: Construção Civil; Desenvolvimento Regional; Emprego; Desemprego. Colocar metodologia aqui.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Indicadores do emprego e PIB

Segundo a Revista Constru Carta – Atividades / SindusCon , o PIB brasileiro, divulgado pelo IBGE, teve alta de 0,4% no segundo trimestre de 2019, frente ao período anterior, na comparação dessazonalizada. No acumulado do ano até junho, o PIB teve crescimento de 0,7%. Analisados três grandes setores, a agropecuária foi a única a apresentar queda na comparação dessazonalizada com o trimestre anterior (-0,4%), Indústria com alta de 0,7% (indústria de transformação, por sua vez, possui o maior potencial de encadeamento com outras atividades) e Serviços 0,3% (SINDUSCON; 2019).

Os grandes setores da economia, vistos em conjunto, mostraram uma melhora no ritmo de retomada da atividade econômica, apesar das taxas ainda modestas de crescimento, aspecto positivo também quanto à formação de capital, cuja demanda agregada apresentou maior avanço: 3,2% na série trimestral com ajuste sazonal. O consumo das famílias, apesar de modesto, foi decisivo para o desempenho do PIB no trimestre e avançou 0,3% e as importações, 1% (SINDUSCON; 2019).

Também contribuíram nesse resultado os empregos, apesar do crescimento lento e os baixos níveis de inflação. A recuperação da taxa de investimento é de grande importância para o crescimento não inflacionário de longo prazo, apesar de baixa. No segundo trimestre de 2019 houve um crescimento da formação de capital elevou a taxa de investimento para 15,9% do PIB contra 15,2% em 2018 (IBGE; 2019).

Com relação ao trabalho e população, Troster e Móchon (1999, p.10) salientam que os seres humanos que vivem em uma determinada área, é denominada população e que a mesma desenvolve tarefas produtivas. Segundo os autores, população é subdividida em “população ativa”, que é a que intervém no processo produtivo, com “empregados” que têm trabalho remunerado e “empregados ativos marginais” que executam trabalhos periódicos; também os “desempregados” que, apesar de terem condições de idade, física e mental, não conseguem recolocação no mercado. A outra subdivisão é a “população inativa”, a que somente consome e é formada por aposentados, estudantes, donas de casas, pessoas que não procuram trabalho e os incapazes para trabalhar.

A construção civil e seu desempenho foi relevante para crescimento da formação de capital. Divulgado pelo IBGE, o PIB setorial cresceu 2% no trimestre e pôs fim a uma sequência negativa de 20 trimestres, e equiparou-se ao mesmo período de 2009. Porém, o setor ainda se encontra 30% abaixo do pico alcançado no primeiro trimestre de 2014, mas há previsões de crescimento de 0,5%, ainda para 2019 (SINDUSCON; 2019).

Conforme dados da Câmara Brasileira da Indústria da Construção, nos anos de maior crescimento do país, como em 2010, quando o PIB do Brasil teve aumento de 7,5%, o PIB da construção civil cresceu 13,1%. Já em 2014, último ano em que o PIB brasileiro registrou variação positiva (0,5%), o PIB da construção civil ficou em -2,1% (IBGE; 2016).

4.2 Construção Civil: dados estatísticos 2009 a 2019

Dados do SINDUSCON em 2017, apontam que, a economia brasileira viveu um período de crescimento apoiado na expansão do crédito e em políticas de estímulo à demanda. Como resultado, o emprego no Brasil cresceu fortemente, levando a taxa de desemprego a um mínimo histórico. A redução do desemprego foi acompanhada de um movimento de grande formalização da força de trabalho do país, com reflexos importantes da renda das famílias (SINDUSCON; 2017).

A Construção Civil impulsionada também pelo crédito e por estímulos governamentais contribuiu ativamente tanto para a redução das taxas de desemprego como para a formalização da força de trabalho. Como seria de esperar, a grande procura por mão de obra qualificada pressionou o mercado de trabalho e levou a uma maior elevação dos salários: os trabalhadores da construção civil tiveram nos últimos anos aumentos reais expressivos. No entanto estudos recentes mostram também que a produtividade do trabalhador não acompanhou o ritmo dos salários (SINDUSCON; 2017).

A despeito da desaceleração recente do crescimento setorial (Tabela 1 e Gráfico 1), a questão do mercado de trabalho ainda se configura uma preocupação importante para o empresário. O setor vive atualmente o encerramento de um ciclo de crescimento, mas necessidades habitacionais elevadas e um déficit de infraestrutura enorme indicam que a retomada do crescimento deverá novamente passar pelo setor da construção (SINDUSCON; 2017).

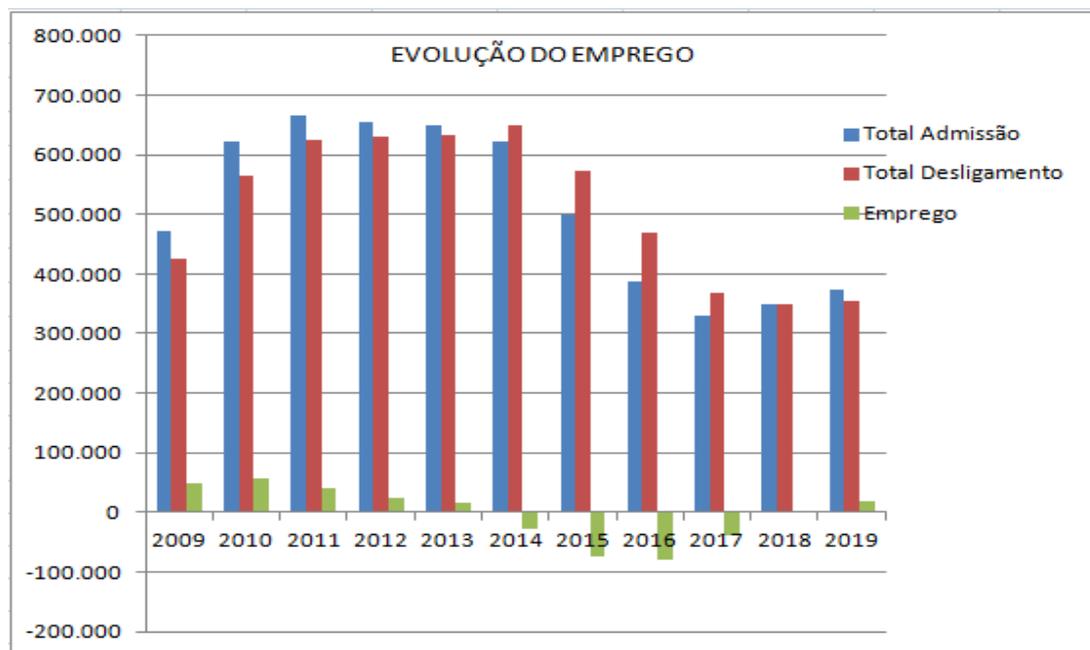
Nesse sentido, a pouca disponibilidade de mão de obra qualificada mostra que é imprescindível aumentar a produtividade. Assim conhecer o perfil dessa mão de obra e sua evolução nos últimos anos traz subsídios importantes para o debate (MTE; 2020).

TABELA 01 - Admissão e Demissão no Estado de São Paulo na Indústria da Construção Civil entre 2009 a 2019.

Ano	Total Admissão	Total Desligamento	Emprego
2009	473.238	424.379	48.859
2010	621.449	563.390	58.059
2011	665.902	624.151	41.751
2012	654.886	631.225	23.661
2013	649.437	633.479	15.958
2014	622.249	648.597	-26.348
2015	500.094	573.258	-73.164
2016	388.107	468.725	-80.618
2017	330.742	369.169	-38.427
2018	350.223	349.945	278
2019	373.995	354.610	19.385

Fonte: MTE; (2020). Adaptado pela autora

GRÁFICO 01 – REPRESENTAÇÃO DOS DADOS DA TABELA 01



Fonte: MTE; (2020). Adaptado pela autora

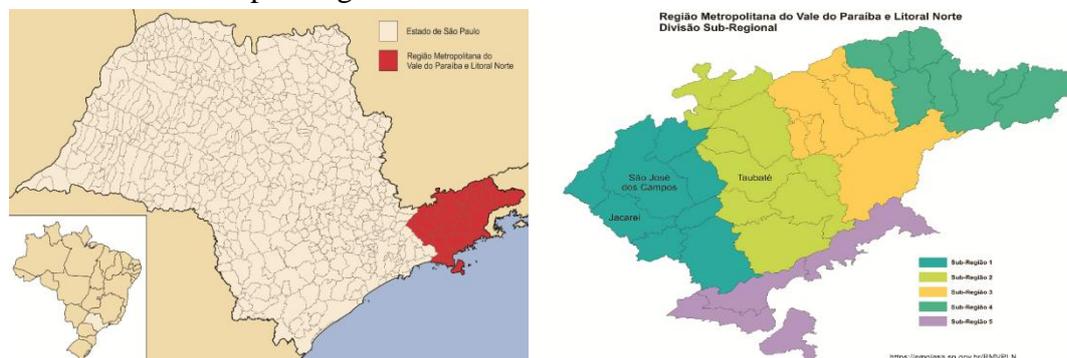
O setor de Construção Civil apresentou o terceiro maior saldo de 2019. Foram registradas 1.461.022 admissões e -1.389.907 desligamentos, implicando saldo de 71.115 postos de trabalho, equivalente ao crescimento de 3,60% em relação ao ano anterior (CAGED, 2019 - Lei nº 4.923/1965 Sumário Executivo – Jan a Dez de 2019). As classes de atividades de maior destaque foram:

- Instalações Elétricas (+17.402 postos), especialmente em São Paulo (+3.344 postos) e em Goiás (+1.907 postos);
- Montagem de Instalações Industriais e de Estruturas Metálicas (+8.583 postos), principalmente em Minas Gerais (+3.428 postos) e São Paulo (+2.609 postos);
- Demolição e Preparação de Canteiros de Obras (-29 postos), principalmente no Paraná (-102 postos) e Ceará (-94 postos);
- Construção de Redes de Abastecimento de água, Coleta de Esgoto e Construções (-780 postos), especialmente em Goiás (-974 postos) e Ceará (-938 postos).

4.3 Mercado de Trabalho Vale do Paraíba

Com base nas tabelas disponibilizadas pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social - MTPS, valorizando disseminar as informações do Setor do Trabalho ao maior público possível, foram organizadas as informações vinculadas ao Mercado de Trabalho e temas correlatos sobre empregos formais e renda, com o objetivo de comparação entre os municípios de Jacareí, São José dos Campos e Taubaté, que estão localizados muito próximos um do outro, porém apresentam números bem diferentes CBIC (2016).

FIGURA 01 – Mapas Regionais do Vale do Paraíba



Fonte: EMPLASA; (2019) - Adaptado pela autora

**TABELA 02 – Empregos formais 2017 (mês 01 a 12)
ANO 2017**

IBGE SETOR	JACAREÍ	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	TAUBATÉ
1 EXTR MINERAL	110	13	218
2 IND TRANSF	15.366	37.175	19.161
3 SERV, IND. UP	978	1.396	581
4 CONSTR CIVIL	1.148	8.407	3.143
5 COMÉRCIO	9.766	38.770	17.091
6 SERVIÇOS	15.461	86.987	31.128
7 ADM PÚBLICA	4.561	13.859	7.528
8 AGROP.	544	843	419
TOTAL	47.934	187.441	79.269

Fonte: Caged; (2019). Adaptado pela autora

Conforme número de empregos formais em 31/12/2017 divulgados pelo IBGE (Tabela 3), as análises mostram que a Indústria de Transformação, Comércio e Serviços e Administração Pública, ganham destaque em número de empregos formais, nos municípios citados e a Construção Civil classifica-se em 5º lugar (IBGE; 2019). Situação ainda mais alarmante, na análise da remuneração média de empregos formais, em que o setor da Construção Civil se classifica em 6º lugar CBIC (2016).

Os salários são determinantes, na composição e análise do mercado, quanto a ação conjunta de oferta e demanda. As empresas só terão demanda de trabalho e contratações, quando lhes for rentável, impactando em suas receitas, é o que nos mostra Troster e Móchon (1999, p.113), que definem salário como: “Salário é o conjunto de renda que recebem os trabalhadores, em dinheiro ou em espécie, pela prestação de seus serviços para terceiros.”

TABELA 03 – Remuneração Média de Empregos Formais em 31/12/2017

Ano 2017

IBGE SETOR	JACAREÍ	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	TAUBATÉ
1 EXTR MINERAL	2.516,50	2.424,71	2.891,25
2 IND TRANSF	4.571,66	6.476,88	5.172,32
3 SERV, IND. UP	2.532,36	4.225,09	2.989,75
4 CONSTR CIVIL	2.170,71	2.242,28	2.410,19
5 COMÉRCIO	1.879,19	2.105,50	1.924,97
6 SERVIÇOS	2.345,73	2.585,30	2.136,44
7 ADM PÚBLICA	3.628,56	7.231,21	4.360,24
8 AGROP.	1.475,51	1.539,54	1.326,31
TOTAL	3.081,98	3.603,51	3.054,89

Fonte: Caged; (2019). Adaptado pela autora

TABELA 04 – Remuneração Média de Empregos Formais em 31/12/2017

POSTOS DE TRABALHO	JACAREÍ			SÃO JOSÉ DOS CAMPOS			TAUBATÉ		
	Adm.	Dem.	Saldo	Adm	Dem.	Saldo	Adm	Dem.	Saldo
Servente Obras	2.126	2.193	-67	11.398	11670	-272	5043	5.311	-268
Trabalhador Manut.Edific.	376	370	6	1.579	1.573	6	1047	1.117	-70
Pintor Obra	305	366	-61	2.119	2.344	-225	535	583	-48
Gesseiro	212	224	-12	748	844	-96	70	59	11
Mestre Constr.Civil	207	272	-12	830	1.205	-375	372	530	-158
Encanador	185	211	-26	769	870	-101	168	221	-53
Pedreiro	1.042	1.222	-180	5933	6.736	-803	2461	2.953	-492

Fonte: Caged; (2019). Adaptado pela autora

Segundo Ministério do Trabalho tomando dados comparativos no período de Jan/2015 (ano que se estabeleceu a crise no Brasil), até Jul/2019, o município de Jacareí, São José dos Campos e Taubaté, registraram índices com saldos negativos nos seguintes postos de trabalhos, nos quais destacam (CAGED; 2019):

Observa-se que as expectativas de crescimento abrangem a construção civil em todos os Estados brasileiros, de modo que as tendências para os próximos anos e, a partir de 2020, também ocorrem expectativas de melhora comercial, industrial e do setor da construção (ÉPOCA; 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi realizado contemplando a pesquisa bibliográfica, comparando as cidades de Jacareí, São José dos Campos e Taubaté e na observação do ambiente de trabalho da construção civil pela autora, realizados na cidade de Jacareí, sempre com registro fotográfico e acompanhamento de obras de pequeno porte de seus projetos e execuções, ao longo de seu tempo de trabalho.

Importante salientar que as cidades escolhidas para a análise comparativa, são as que detém no presente um melhor quadro de desenvolvimento e dinâmica econômica na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte.

Diante da crise econômica vivenciada pelo Brasil nos últimos cinco anos (2014 a 2019), descritas de forma clara e precisa, com referências às áreas da construção civil, os impactos se mostraram presentes aos pontos de contratações diretas e indiretas, mas com índices ainda maiores nesses períodos correspondentes a demissões, demonstrando assim os altos índices de desemprego, que impactou também o desenvolvimento do país, nos quais as tendências levaram a diminuição do Produto Interno Bruto (PIB), em que se mostram perceptíveis pequenas melhoras no ano de 2019, conforme representado graficamente neste artigo.

Por sua vez, as políticas públicas governamentais, sobretudo as destinadas a prover as demandas de habitação de interesse social, bem como as relacionadas a infraestrutura, são diretamente responsáveis pelos impulsos que afetam a dinâmica do Setor da Construção Civil, logo um governo pávido e contido também é responsável por um setor estagnado.

Dentro desse contexto, vale ressaltar que as grandes obras de impacto na estruturação do viário local nas cidades, até mesmo alterações nas leis de zoneamento e código de obras podem fazer com que esse setor em especial sofra uma aceleração de investimentos, gerando uma demanda positiva na mão de obra e serviços da construção civil.

Conseqüentemente, o ramo da construção civil é tido como o primeiro a sofrer abalos quando se há descontrole na economia, mas também se torna o setor mais propício a se desenvolver quando a economia se mostra equilibrada com menores déficits inflacionários podendo assim corresponder com as melhorias do PIB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIN, K. (2014), Construção civil cresceu 74,25% nos últimos 20 anos, revela estudo do SindusCon-MG. Construção Mercado, Portal PINIweb. Disponível em: <http://construcaomercado.pini.com.br/negocios-incorporacao-construcao/negocios/construcao-civil-cresceu-7425-nos-ultimos-20-anos-revela-estudo-323993-1.aspx>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- CAGED. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED, 2019). Disponível no endereço eletrônico: <http://trabalho.gov.br/trabalhador-caged/> Acesso em 10/09/2019
- CAGED. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED,2019). Disponível no endereço eletrônico : <http://pdet.mte.gov.br/images/ftp//dezembro2019/nacionais/1-sumarioexecutivo.pdf> Lei nº 4.923/1965 Sumário Executivo – Janeiro a dezembro de 2019
- CAGED. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) Lei nº 4.923/1965 Sumário Executivo – Janeiro a dezembro de 2019 Disponível no endereço eletrônico: <http://pdet.mte.gov.br/images/ftp//dezembro2019/nacionais/1-sumarioexecutivo.pdf>
- CBIC Câmara Brasileira da Indústria da Construção –(2015), O cenário econômico atual e a Construção Civil - Desafios e perspectivas. In: Encontro Nacional da Indústria da Construção - ENIC, Salvador, 23-25 set. 2019.
- CBIC Câmara Brasileira da Indústria da Construção –(2016), Pesquisa Mensal de Emprego – IBGE, CBIC, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.cbicdados.com.br/menu/emprego/pesquisa-mensal-de-emprego-ibge> Acesso em: 15 setembro 2019.
- CBIC Câmara Brasileira da Indústria da Construção – (2017), CUB Médio Brasil - Custo Unitário Básico de Construção por m². CBIC, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.cbicdados.com.br/menu/custo-da-construcao/cub-medio-brasil-custo-unitario-basico-de-construcao-por-m2>. Acesso em: 21 setembro. 2019.
- CAMERON, A. C.; TRIVEDI, P. K. (2005), Microeconometrics: methods and applications. Cambridge University Press.
- ÉPOCA; Um mapa de emprego no Brasil. 2011. Disponível no endereço eletrônico: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI219290-15259,00-UM+MAPA+DO+EMPREGO+NO+BRASIL.html> / Acesso em 10/10/2019
- EMPLASA – Disponível em <https://emplasa.sp.gov.br/RMVPLN> - Acesso em : 05 outubro 2019
- FOCHEZATTO, A.; GHINIS, C. P. (2011), Determinantes do crescimento da construção civil no Brasil e no Rio Grande do Sul: evidências da análise de dados em painel. Ensaios FEE, Vol. 31, No. Esp., pp. 648-678.
- GHINIS, C. P.; FOCHEZATTO, A. (2013), Crescimento pró-pobre nos estados brasileiros: análise da contribuição da construção civil usando um modelo de dados em painel dinâmico, 1985-2008. Economia Aplicada, Vol. 17, No. 3, pp. 243-266.

GONDIM, I. A. et al. (2004), Análise da economia nacional e a participação da indústria da construção civil. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. Anais... ENTAC, São Paulo, 18-21 jul. 2004.

GUILHOTO, J. J. M. et al. (2005), Estimação da matriz insumo-produto a partir de dados preliminares das contas nacionais. Revista Economia Aplicada, Vol. 9, No. 1.

GUJARATI, D. N. (2009), Econometria básica, McGraw-Hill Education.

Instituto Brasileiro de Economia, Fundação Getúlio Vargas – IBRE/FGV (2015), Índice Nacional de Custos da Construção - INCC. IBRE/FGV, Rio de Janeiro. Disponível em:
<http://portalibre.fgv.br/main.jsp?lumPageId=402880811D8E34B9011D984FCB953849>. Acesso em: 21 setembro. 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016), Em 2015, PIB cai 3,8% e totaliza R\$ 5,9 trilhões. IBGE, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/9610-em-2015-pib-cai-3-8-e-totaliza-r-5-9-trilhoes.html>. Acesso em: 20 setembro 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2017), Conceitos e definições. IBGE, Rio de Janeiro. Disponível em:
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/primeiros_resultados/analise01.shtm. Acesso em: 05 outubro 2019.

KURESKI, R. (2011), Produto interno bruto, emprego e renda do macrossetor da construção civil paranaense em 2006. Ambiente Construído, Vol. 11, No. 3, pp. 131-142.

Ministério do Trabalho – CAGED (2019). Disponível em
http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_isper/index.php . Acesso em 19 setembro 2019

POSSENTI, C.; PONTILI, R. M. (2015), Influências do PAC no setor da construção civil, no período de 2007 a 2012. In: Conferência Internacional em Gestão de Negócios – CINGEN, Cascavel, PR, 16-18 nov. 2015.

Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Paraná - SINDUSCON-PR (2017), O que é o CUB. Como é calculado. SindusCon-PR, Curitiba. Disponível em: <http://sindusconpr.com.br/o-que-e-o-cub-como-e-calculado-394-p>. Acesso em: 28 setembro 2019.

SINDUSCON. SindusCon-SP: emprego na construção brasileira cresceu 0,86% em agosto 2019. Disponível no endereço eletrônico:

<https://sindusconsp.com.br/sinduscon-sp-emprego-na-construcao-brasileira-cresceu-086-em-agosto/>
Acesso em 08/09/2019

SANTOS, M. Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal. 2ª.Edição. Rio de Janeiro : Record, 2000.

SINGER, P. Economia Política da Urbanização. 12ª.Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

SOUZA, B. A. et al. (2015), Análise dos indicadores PIB nacional e PIB da indústria da construção civil. Revista de Desenvolvimento Econômico, Vol. 17, No. 31.

TEIXEIRA, L. P.; CARVALHO, F. M. A. (2005), A construção civil como instrumento do desenvolvimento da economia brasileira. Revista Paranaense de Desenvolvimento, No. 109, pp. 9-26.

TROSTER, R.L.; MÓCHON, F. Introdução à Economia. Edição Revisada e Ampliada. São Paulo: Makron Boobks do Brasil Editora Ltda, 1999.

WOOLDRIDGE, J. M. (2010), Econometric analysis of cross section and panel data. MIT press, Cambridge.